

Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 3, Número 1, Dez. 2014

A POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS: DO CÂNONE LITERÁRIO AO LIVRO DIDÁTICO



AUGUSTO DOS ANJOS' POETRY: FROM LITERARY CANON TO TEXTBOOKS

VERUCCI DOMINGOS DE ALMEIDA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA, BRASIL

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 09/04/2014 • APROVADO EM 28/06/2014

Abstract

The Augusto dos Anjos' poetry is one of the most complex and exciting of Portuguese language, but the literary canon has favored the compositions of *Eu* at the expense of poems written during the poet's phase considered immature and published in collections after his death. In order to make a link between theory and teaching, this work presents the results of a research that studied the kind of approach that the authors of the textbooks make from Augusto dos Anjos' poetry. In this perspective, we evaluate a corpus composed for eleven Portuguese language textbooks (literature), relating to the 3rd year of high school, included in catalog of PNLEM 2009 to the Brazilian public schools.

Resumo

A poesia de Augusto dos Anjos é uma das mais complexas e instigantes da língua portuguesa, porém o cânone literário tem privilegiado as composições do *Eu* em detrimento dos poemas escritos durante a fase considerada imatura do poeta e publicados em coletâneas após a sua morte. Com o intuito de trilhar um diálogo entre a teoria e o ensino, este trabalho expõe os resultados de uma pesquisa que investigou o tipo de abordagem que os autores dos livros didáticos fazem da poesia de Augusto dos Anjos. Nesta perspectiva, avaliamos um *corpus* composto por onze livros didáticos de língua portuguesa (literatura), referentes ao 3º ano do ensino médio, contidos no catálogo do PNLEM 2009 para as escolas públicas brasileiras.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Augusto dos Anjos. Literary canon. Literature teaching. Textbook

PALAVRAS CHAVE: Augusto dos Anjos. Cânone literário. Ensino de literatura. Livro didático.

Texto integral

Algumas considerações sobre o cânone

A palavra cânone vem do grego *kanón*, e do latim *canon*, e significava “regra”, “norma” (padrão de leitura). No sentido restrito, adquiriu o significado de textos autorizados, exatos e modelares, e “por extensão, passou a significar o conjunto de autores literários reconhecidos como mestres da tradição” (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 61). Para Reis (1992, p. 70), comungando com o conceito de Perrone-Moisés, o cânone “significa um perene e exemplar conjunto de obras – os clássicos, as obras-primas dos grandes mestres -, um patrimônio da humanidade [...] a ser preservado para as futuras gerações, cujo valor é indisputável”. Dessa forma, o cânone define o que é boa literatura, elege tais leituras como clássicos e privilegia o que deve ser lido como os melhores.

O cânone é formulado especialmente pelas Academias, pelos pesquisadores e pela crítica literária, responsáveis pelo processo de escolha e inclusão de autores e obras. Fatores como a representatividade de um autor para uma época, o efeito de uma obra, e a força de constantes estudos, pesquisas e críticas são determinantes para a inclusão de um literato ou uma obra no cânone. Esse modelo, de acordo com Reis (1992), se consagra e se perpetua por alguns meios de

divulgação, tais como jornais, suplementos literários, resenhas críticas, livros didáticos, entre outros.



A instituição escolar também é um difusor desse modelo de leitura, definida por Reis (1992, p. 85) como “uma das instituições capitais na implementação de um cânon literário”. Para Martins (2006, p. 96), “a escola parece atuar como instituição que define quais são os textos literários, quais são os não literários, quais são os melhores e os piores autores, quais obras deveriam ser lidas”. Contudo, ela apenas complementa um modelo sistemático de escolhas já imposto pelos livros didáticos, que estabelecem quais autores e obras são relevantes para serem conhecidos e estudados pela classe discente. Sendo assim, não existe apenas um cânone, mas vários cânones, porém todos “são seletivos e, como tal, elitistas” (MOREIRA, 2003, p. 92).

O cânone instituído nos manuais didáticos refere-se ao conjunto de textos considerados mais representativos de um período histórico-literário, fornecidos aos estudantes como um currículo mínimo de leituras pré-formadora¹. Muitas vezes, este cânone é reflexo do cânone universal e nacional, e tem uma função estritamente pedagógica, com o intuito de ser utilizado para ensinar, seja gramática, noções de teoria da literatura ou história literária e produção de textos.

Os livros didáticos possuem um caráter influenciador na formação do leitor, bem como na formação do seu próprio cânone. Sobre tal influência, as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* ressaltam que

no Brasil, como se sabe, o processo de legitimação do que se deve e do que não se deve ler tem se realizado principalmente por meio de livros didáticos, pela via fragmentada dos estilos de época, os quais historicamente vêm reproduzindo não só autores e textos característicos dos diferentes momentos da história da Literatura brasileira e portuguesa, como os modos de ler a seleção (BRASIL, 2006, p. 72).

O cânone do livro didático ao passo que prestigia alguns escritores e obras, exclui outros, influencia o que deve ser lido, direciona a prática do professor, bem como a predileção do leitor. Costuma-se dizer que os professores, em alguns casos, não têm uma prática constante de leitura variada² e devido a isso, selecionam os textos para suas aulas de acordo com o que foi indicado pelo livro didático. Os alunos, muitas vezes, por terem acesso somente aos textos propagados nesses livros, acabam por privilegiá-los na formação do seu cânone pessoal sem qualquer critério de avaliação, quando não os rejeitam.

Mesmo a escola propondo um modelo de leitura e os textos dos livros didáticos ainda serem, em alguns lugares, mais acessíveis do que as obras literárias, ainda há a resistência para a leitura do cânone fixado por eles, pois alguns jovens têm recusado essas leituras em função das suas escolhas, muitas vezes desordenadas, sem maturidade e criticidade, das quais as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (BRASIL, 2006, p. 61) chamam de “escolhas anárquicas”³.

De acordo com as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (BRASIL, 2006, p. 64), o livro didático “pode constituir elemento de apoio para que se proceda ao processo de escolha das obras que serão lidas, mas de forma alguma poderá ser o único”. Para transformar a sala de aula em um espaço democrático de leitura, os professores poderiam estimular os alunos a participarem da escolha dos textos a partir dos seus próprios gostos e interesses, mas para que isso aconteça “é fundamental que o professor atente para as idiosincrasias do jovem leitor” (SILVA, 2008, p. 50), bem como seu horizonte de expectativa⁴.

De qualquer forma, parece que a solução para os problemas tocantes ao repertório de leitura, sobretudo no ambiente escolar, não decorre apenas da implantação de cânones alternativos, mas da inexistência de um cânone, ou seja, de um modelo disseminado como o melhor⁵. Sobre esse assunto, Reis (1992, p. 77) discorre que

não é suficiente repensá-lo ou revisá-lo, lendo outros e novos textos, não canônicos e não canonizados, substituindo os “maiores” pelos “menores”, os escritores pelas escritoras, e assim por diante. Tampouco basta – ainda que isto seja extremamente necessário – dilatar o cânone e nele incorporar outras formações discursivas [...]. O que é problemático, em síntese, é a própria existência de um cânone.

Entretanto, prioridades no universo da leitura sempre irão existir, por isso na existência desse padrão de leitura, “cabe ao leitor construir seu próprio cânone literário, valorizando seu repertório de leituras” (MARTINS, 2006, p. 86), baseado em valores e critérios. De acordo com Moreira (2003, p. 89) “o homem tem de selecionar o que quer ler e, nessa tarefa, ele acaba por organizar o cânone individual”. Depois de construído o seu cânone, o leitor deveria repensá-lo e reavaliá-lo constantemente. Para que isso aconteça, primeiramente o professor, através de sua prática de ensino, deve dar-lhe subsídios para que formule e reformule seu repertório de leitura e crie seu cânone, apresentando-lhe textos de autores e gêneros variados, porém primeiramente é preciso torná-los verdadeiros leitores⁶, por isso um dos objetivos do ensino de literatura deve ser a formação deles.

Algumas considerações sobre o ensino de literatura e a utilização dos livros didáticos

O ensino de literatura no nível médio tem sido, por muito tempo, pautado na centralização da história literária e na leitura das obras eruditas estabelecidas pelo cânone. No entanto, privilegia-se a memorização de conceitos, datas e características das escolas literárias, seus principais representantes e suas obras, em detrimento da leitura dos textos. De acordo com Pinheiro (2006, p. 110), ensina-se e “estuda-se mais história da literatura e não as obras em particular”.

Para Cereja (2005), a prática de ensino da literatura no nível médio consiste em dois domínios essenciais: a construção de conceitos básicos relativos à teoria literária e os estudos da historiografia da literatura. Para o autor,



logo nas primeiras aulas da 1ª série do ensino médio, a prática se volta para a construção de alguns conceitos básicos relativos à teoria literária e a teoria da comunicação, considerados ferramentas indispensáveis para lidar com o texto literário. [...] Esses conceitos, no geral, são os seguintes: da teoria literária: linguagem literária/linguagem referencial, gêneros literários, verso e prosa, noções de versificação, ponto de vista narrativo, etc.; da teoria da comunicação e da lingüística: [...] funções da linguagem, [...] polissemia, etc. Em segundo lugar, construídos esses conceitos e considerando-se que o aluno estaria preparado para lidar com um novo objeto, a prática se direciona para o texto literário de época [...] de acordo com uma perspectiva histórica. A partir daí, então, tem início o estudo da história da literatura, que normalmente perdura até o fim do ensino médio (CEREJA, 2005, p. 55 – 56).

De fato, os estudantes do ensino médio não são levados a construir conceitos relativos à teoria literária, como afirma o autor, uma vez que eles já se apresentam prontos no livro didático e são transmitidos em sala de aula pelos professores, às vezes sem nenhuma reflexão. Notamos ainda que o ensino de literatura nitidamente historiográfico é um modelo antigo cujo método reflete tradicionalmente o modelo dos primeiros planos de aula implantados no Colégio Pedro II⁷, voltados essencialmente para os estudos historiográficos, além de retórica e poética.

Os livros didáticos, então, se adaptaram a esse modelo e, sendo assim, defendem a partir da periodização literária levar ao aluno o conhecimento (às vezes sem a leitura) de uma gama de textos abordados à luz do momento em que foram produzidos, quase sempre com o intuito de, a partir de fragmentos dos textos, reconhecer as características de determinada escola literária. Para fins pedagógicos, os manuais de literatura adotaram como plano de curso os estudos de história literária, que costumam classificar os protagonistas da literatura – escritores e poetas – dentro de movimentos literários. Para Proença Filho (1978, p. 63) essa divisão da história em escolas literárias atende “à nossa necessidade de dividir para compreender”.

Sem dúvida, o principal aliado dos professores nas aulas de literatura é o livro didático, vista a acessibilidade deste à maioria das escolas brasileiras, principalmente às públicas, onde são distribuídos gratuitamente através de vários programas federais, como o PNLD, PNLEM e PNLA⁸. O livro didático é um manual com assuntos, conceitos e exercícios de determinadas disciplinas escolares para fins pedagógicos, destinado ao ensino e utilizado principalmente nas escolas.

Os manuais de literatura seguem dois modelos: aqueles que são inclusos em coleções que unem estudos de língua portuguesa, estudos literários e produção de texto, sejam em volume único para todas as séries do ensino médio, sejam em volumes fragmentados para cada série; e aqueles completamente destinados aos estudos literários. Esses manuais trazem na sua constituição assessoria

pedagógica, plano de curso, sugestões de atividades, respostas prontas, roteiros de aulas, esquemas e resumos práticos que atendem a um perfil geral de professores e alunos.



Para o professor, o livro didático, em muitos casos, é o único suporte no qual se apoia para preparar as aulas que ministra dia após dia. A sua utilização é privilegiada pela praticidade em apresentar roteiros prontos, facilitando o trabalho dos docentes. Para tanto, o livro didático, também em muitos casos, é um dos poucos meios pelos quais os estudantes recebem informações sobre os conteúdos que precisam aprender na escola, seja para uma carreira profissional, para o ingresso numa faculdade, ou simplesmente para adquirir conhecimentos para a vida. Porém os conteúdos resumidos expostos nos livros didáticos podem não favorecer um conhecimento mais amplo, mais aprofundado ao aluno, limitando a sua visão de mundo, como também podem aguçar-lo a ser sujeito de sua aprendizagem, instigando-o a procurar e descobrir um mundo de informações além desses.

Nesta perspectiva, o livro didático, que é um “instrumento concebido para facilitar o trabalho de alunos e professores, é também um instrumento concebido para dirigi-lo” (CHIAPPINI, 2005, p. 96), porém não lhes tira a autonomia e o direito à crítica na busca do saber quando é usado de forma apropriada. Utilizado de modo inadequado, é arriscado criar um círculo vicioso entre os professores, os alunos e o livro didático, em que o livro veicula o conhecimento que ele prestigia e acredita ser o necessário, o professor o consulta e repassa o que o livro articula sem uma reflexão cautelosa, e, por conseguinte, o aluno apenas recebe as informações, muitas vezes sem ir em busca de aprofundamento. Diante de muitos casos em que aluno e professor se tornam passivos diante do livro didático, obtendo somente as informações que lhes são oferecidas, Chiappini (2005, p. 95) adverte que o manual didático ao mesmo tempo que facilita o alcance do saber, ele congela-o nas ideias instituídas, e assim o destrói.

Tendo um espaço delimitado para a exposição de informações, os autores de livros didáticos de literatura resumem os conteúdos, prestigiam alguns escritores, dão espaço à biografia dos mesmos, selecionam os textos consagrados pelo cânone, e propõem atividades de *metaleitura*⁹, além de, há algumas décadas, terem focado o ensino para a preparação do vestibular e não na formação de leitores. O modo como esses conteúdos são apresentados submetem os discentes a uma formação de caráter *enciclopédico*, expressão destacada por Cereja (2005) e Pinheiro (2006), que de acordo com Colomer (2007), é o ensino voltado exclusivamente para abranger o conhecimento da história literária, tendências e movimentos culturais, seus principais escritores (biografia) e obras (canônicas).

Por fim, diante de todas essas reflexões apontadas sobre o livro didático, na sala de aula o professor continua sendo o mediador, o responsável pela condução do ensino. O professor, seguro do suporte que lhe é disponível, precisa saber como utilizá-lo para alcançar sucesso nas suas aulas, aproveitando melhor os recursos que tem. Portanto, não pretendemos procurar o culpado para os problemas enfrentados no ensino de literatura, pondo a responsabilidade no método historicista, nos professores, nos livros didáticos, na escola ou nos alunos, mas

rever as possibilidades de enfrentar esses problemas e vencê-los, melhorando o ensino de literatura.

A abordagem da poesia de Augusto dos Anjos nos livros didáticos

É notório o impacto da linguagem e dos temas que caracterizam a poesia de Augusto dos Anjos, os quais impressionam e chocam o leitor desacostumado com tal irreverência na arte literária. Muitos estudantes terminam o ensino médio sem ter uma visão mais ampla da poesia do poeta, conhecendo exclusivamente os poemas consagrados pelo cânone, e propagados nos livros didáticos, os quais ignoram a totalidade da lírica augustiana, inclusive o viés otimista¹⁰.

Por terem uma visão simplificada da poesia de Augusto dos Anjos, os estudantes acabam por remeter-lhe os estereótipos de pessimista, cientificista e melancólico, e através desses conceitos, alguns passam a admirar o poeta e sua obra e outros a rejeitá-los quando não se identificam com esse tipo de poesia.

Na atualidade, grandes críticos literários têm prestigiado na organização de suas antologias ou livros de historiografia literária os poemas canônicos do *Eu* em detrimento dos poemas relegados. Alfredo Bosi, no livro *História concisa da literatura brasileira* (2006), preocupa-se em mostrar, como a maioria dos críticos, poemas que ressaltam o lado pessimista, cientificista e melancólico de Augusto dos Anjos. Em seu livro, Bosi apresenta um (1) poema na íntegra e fragmentos de seis (6) poemas para demonstrar a dimensão cósmica da poesia augustiana, o evolucionismo, a miséria da carne tendo o verme como um deus, o prosaísmo, o descaso do poeta pelo amor, entre outros¹.

Outro crítico literário, Massaud Moisés, cujo livro *A literatura brasileira através dos textos* (2007) é grande referência em antologia de textos literários ordenados à luz da historiografia, apresenta quatorze (14) poemas que ilustram o pessimismo, cientificismo e a melancolia da poesia de Augusto dos Anjos, com exceção de um (1), que consideramos fazer parte da face otimista em nosso trabalho, chamado “Ultima Visio”².

Não queremos criticar o trabalho de Bosi e Moisés, mas sim destacar que os temas ou os poemas da face otimista ainda não ganharam espaço nos estudos desses grandes críticos. Essa referência pode refletir na seleção do *corpus* de leitura atribuído pelos autores dos livros didáticos, junto das primeiras leituras acerca da obra de Augusto dos Anjos, naquilo que constitui as primeiras recepções de seus poemas, bem como as primeiras críticas atribuídas à sua obra, que prestigiam as composições do *Eu* e enfatizam o pessimismo, cientificismo e a

¹ Há no livro de Bosi (2006) o poema “O lamento das coisas”, e os fragmentos de “Psicologia de um vencido”, “A ideia”, “O deus-verme”, “Queixas noturnas”, “O martírio do artista”, e “Monólogo de uma sombra”.

² No livro de Moisés (2007) há os poemas “Psicologia de um vencido”, “Budismo moderno”, “Vandalismo”, “Versos íntimos”, “Eterna mágoa”, “O lamento das coisas”, “O meu nirvana”, “Homo infimus”, “Vítima do dualismo”, “Ao luar”, “Apóstrofe à carne”, “Ultima visio”, “O poeta do hediondo” e “Revelação”.

melancolia presentes na maioria dos poemas. Apesar de a ação de explorar os mesmos temas não ocasionar necessariamente uma repetição crítica, em certo sentido, o livro didático, por exemplo, pode refletir as leituras que o precederam por serem legitimadas por críticos renomados. Sendo assim, a face otimista ainda continua sendo esquecida por uma parcela de pesquisadores, críticos e autores de livros didáticos talvez porque suas leituras não tenham tanta força quanto a que é comumente disseminada, e dessa forma não tomaram grandes proporções.

Por acreditar na reprodução de conceitos e valores nos manuais didáticos, na influência dos livros no ensino de literatura, na repetição de informações e na visão unilateral da poesia (e) do poeta Augusto dos Anjos nos mesmos, valemo-nos da pesquisa de avaliação, que de acordo com Moreira e Caleffe (2008, p. 79) faz “parte do processo de assegurar qualidade”, para comparar, analisar e avaliar criticamente a concepção da poesia de Augusto dos Anjos nesses livros.

Para a pesquisa, utilizamos os livros didáticos de língua portuguesa, os quais se dividem em estudos de gramática, literatura e produção de textos, avaliados previamente pelo Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio, PNLEM 2009, do Ministério da Educação e Cultura. Esses livros foram recomendados às escolas públicas de todo o Brasil, por serem considerados por uma equipe de professores como os melhores a serem utilizados no ambiente escolar, contribuindo para um ensino de qualidade nas escolas públicas brasileiras.

Foi recomendado pelo PNLEM 2009 às escolas públicas um catálogo contendo onze (11) títulos de livros de língua portuguesa do ensino médio. Para esta pesquisa, todos os livros foram analisados. São eles¹¹:

LD1. Português: ensino médio (José de Nicola) Scipione

LD2. Português: Linguagens (William R. Cereja e Thereza A. C. Magalhães)
Atual

LD3. Novas palavras: língua portuguesa (Emília Amaral, Mauro F. do Patrocínio, Severino A. M. Barbosa, Ricardo S. Leite) FTD

LD4. Português: de olho no mundo do trabalho (Ernani Terra e José de Nicola) Scipione

LD5. Língua Portuguesa: ensino médio - Coleção Vitória Régia (Heloisa H. Takazaki) IBEP

LD6. Português: língua, literatura, produção de Textos (Maria Luiza Abaurre, Marcela Regina Nogueira, Tatiana Fadel) Moderna.

LD7. Português (João Domingues Maia) Ática.

LD8. Português: projetos (Carlos Emílio Faraco; Francisco Marto de Moura)
Ática

LD9. Textos: leitura e escrita: literatura, língua e produção de textos (Ulisses Infante) Scipione.

LD10. Português: língua e cultura (Carlos Alberto Faraco) Base.

LD11. Língua Portuguesa: projeto escola e cidadania para todos (Harry Vieira Lopes. et al.) Brasil.

Através desta pesquisa, averiguamos a abordagem da poesia de Augusto dos Anjos nos livros didáticos do 3º ano do Ensino Médio¹², observamos como o livro contribui para a formação de leitores críticos da poesia do poeta e verificamos alguns pontos específicos, tais como poemas, exercícios, informações extras, menção ou não à face otimista, entre outras questões relacionadas à sua poesia. A partir desses livros comparamos e interpretamos dados quantitativos e qualitativos e fizemos análises sobre alguns pontos que julgamos importantes e que foram ponto de partida para a nossa crítica, os quais relatamos a seguir.

O dinamismo literário

É comum que os literatos sejam contextualizados cronologicamente nos livros didáticos de acordo com sua inserção em escolas literárias, das quais suas obras foram representativas. No entanto o tipo de enquadramento didático empreendido por esta classificação nem sempre se ajusta a todos os escritores. Um exemplo desta inadequação ocorre com o poeta Augusto dos Anjos, que é um dos poucos representantes da literatura brasileira que não se enquadra totalmente em nenhum movimento literário, devido ao caráter sincrético da sua poesia, que possui traços de vários estilos literários, tais como o parnasianismo, simbolismo, pré-modernismo, entre outros.

Tendo em vista seu dinamismo literário, ou seja, sua atividade artística comumente relacionada a características de diversas escolas literárias, os críticos o classificaram durante muito tempo de diferentes maneiras, enquanto os autores de livros didáticos apesar de encaixarem-no entre os pré-modernistas¹³ destacam seu caráter sincrético. A sua versatilidade literária não permite classificá-lo com precisão em uma única escola literária, mas admite aprofundarmo-nos nos seus imensos vieses e descobriremos uma poesia e um poeta além de rótulos de escolas literárias.

Sobre a inserção de Augusto dos Anjos em escolas literárias, Soares (1994, p. 62) diz que

A que escola se filiou? – a nenhuma. Se o homem vale por seus sentimentos, com dobradas razões o poeta, dada sua maior riqueza de sensações. Isso de escolas é esquadrias para medíocres. Só existe uma regra escrita – a do escritor apoderar-se de sua língua e manejá-la de acordo com seu individualíssimo sentir.

Já que, segundo Soares, o poeta não se filiou a nenhuma escola literária, mas a prática nos manuais escolares de inserção em uma delas é uma necessidade didática dentro do ensino da literatura, alguns críticos têm discutido sobre qual estilo de época mais se aproxima a poesia de Augusto dos Anjos.

Para Lins (1994, p. 119), Augusto dos Anjos seria naturalista, pois “é certo que ele se tornara uma espécie de introdutor do naturalismo na poesia brasileira”, pelo uso do vocabulário retirado das ciências biológicas. Já para Coelho (1993), Augusto dos Anjos se enquadra como parnasiano. A autora menciona o nome de Augusto como um dos principais poetas representativos das várias diretrizes poéticas do Parnasianismo, junto com Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, entre outros, por ter cultivado a estética metrificada dos versos, estrofes e rimas trabalhadas, ou seja, a beleza e a perfeição com as quais os parnasianos tratavam a realidade poética.

Moisés (2007, p. 340), por sua vez, ressalta que Augusto seria mais bem encaixado como Simbolista, pois, segundo ele, “considerando que o culto da forma seguido pelos parnasianos integrou o programa de arte preconizado pelo simbolismo, pode-se dizer que seu lugar mais preciso é entre os partidários da última tendência”. Contudo, Bosi, apesar de em seu livro *História concisa da literatura brasileira* (2006) incluir o poeta entre os Simbolistas, no livro *A literatura brasileira: o pré-modernismo* (1969) considera-o um dos principais representantes do Pré-modernismo¹⁴ brasileiro, dando-lhe pelo mérito da originalidade um capítulo à parte, destinado ao estudo de sua poesia.

De acordo com Gullar, tanto o Simbolismo quanto o Parnasianismo influíram na formação artística do poeta, conforme está evidente em seus poemas, apesar de a nenhuma dessas escolas literárias ter se filiado. O autor destaca que “do parnasianismo herdou, sobretudo, o verso conciso, o ritmo tenso e a tendência ao prosaico e ao filosofante; do simbolismo, além do gosto por palavras-símbolo com maiúscula, o recurso da aliteração e certos valores fonéticos e melódicos” (GULLAR, 1994, p. 85). Contudo, segundo o autor, a poesia de Augusto dos Anjos se destaca pelos elementos anunciadores da poesia moderna, que é justamente a aderência ao cientificismo. Viana (2001, p. 37) comunga com o pensamento de Gullar (1994) e também considera Augusto dos Anjos um antecipador da modernidade, pois

apesar de versejar em decassílabos e utilizar-se do recurso das rimas – procedimentos que os modernistas abominavam –, Augusto era moderno por adotar recursos que subvertiam a nossa tradição lírica. [...] o vocabulário oriundo da filosofia e da ciência, [...] o grotesco das imagens, e no domínio fônico, a dissonância que fazia, por exemplo, multiplicar aliterações e sinéreses.

Depois de várias reflexões sobre uma possível classificação do poeta, segundo Houaiss (1994, 52) “o fato é que, classificado durante certo período como simbolista [...] os teóricos, subseqüentemente (sic), principiaram a impugnar o critério, soltando-o no ar, fazendo-o só, Eu e mais ninguém”.

Augusto dos Anjos não seguiu nenhum grupo literário, o que ele seguiu foram momentos em que as escolas literárias estavam em voga. Ele seguiu esses momentos livre e ao mesmo tempo “preso”. Preso porque não tinha como desconhecer essas tendências nem deixar de ser influenciado por elas, apartando-se delas totalmente. No entendo, teve a arbitrariedade de acompanhá-las sem deixar-se levar integralmente por uma ou outra. Dessa forma, apoderou-se um

pouco de cada estilo estético para assim formar a sua própria poesia, independente, o que lhe proporcionou o título de poeta singular.

Em todos os livros didáticos analisados, com exceção dos LD10 e LD11, que não faziam nenhuma menção a Augusto dos Anjos, o poeta está entre os representantes do Pré-modernismo, certamente pela reflexão tomada por Bosi (1969) quanto à significação do período. Contudo, apesar de ser encaixado como pré-modernista, todos os livros que apresentavam o poeta, destacam o sincretismo da sua poesia. Cinco livros destacam a relação com o Parnasianismo (LD4, LD5, LD7, LD8 e LD9), sete livros destacam a influência do Simbolismo (LD2, LD4, LD5, LD6, LD7, LD8 e LD9) na sua poesia. Alguns livros correlacionam a poesia augustiana com algumas das vanguardas europeias: sete livros citam a relação com o Expressionismo (LD1, LD3, LD4, LD5, LD7, LD8 e LD9) e um livro destaca a relação com o Impressionismo (LD7).

Vale salientar que as influências de Augusto dos Anjos não ficaram apenas nas escolas literárias brasileiras. Há quem afirme que o poeta bebeu em algumas Vanguardas Europeias, que “eram atitudes [...] de destruição e negação do passado” (COUTINHO, 1995, p. 241), pelo fato de que, assim como elas “foram reações contra o esgotamento e o cansaço ante o peso da tradição literária” (COUTINHO, 1995, p. 241), ele foi um poeta que era a favor de uma mudança no sistema estético literário da época, ainda baseado na tradição e no passado. Cunha (1994, p. 168) defende que a poesia augustiana é “uma posição de combate antiparnasiana e a instauração de uma nova ordem”.

Nos livros didáticos, um fato curioso é que o Expressionismo e Impressionismo são tendências de vanguardas europeias exploradas depois do Pré-modernismo, o que torna difícil para os estudantes compreenderem a comparação ou a relação da obra do poeta com as mesmas, a não ser que tenham sido trabalhados com os alunos os conceitos destas. Dos livros consultados apenas o LD3 conceitua Expressionismo para que seja relacionado aos poemas augustianos. Após os autores do LD3 correlacionarem as características do poema “Versos íntimos” ao Expressionismo, revelam o conceito da vanguarda que diz: “Esse movimento se caracteriza fundamentalmente pelo destaque dado ao grotesco, ao bizarro, ao deformado, pela ênfase à expressão da vida interior, das imagens que vêm do fundo do ser e se manifestam pateticamente” (AMARAL et. al., 2005, p. 15).

Enfim, Faraco e Moura, no LD8, após relacionarem a poesia de Augusto dos Anjos às várias diretrizes estéticas do final do século XIX e início do século XX, sintetizam que “essas classificações não conseguem apreender toda a complexidade de sua poesia” (2005, p. 304), por isso “é um poeta que não se encaixa nos moldes de nenhuma corrente literária” (op. cit, p.304). Já Cereja e Magalhães (2005), no LD2, ressaltam que é justamente pelo caráter sincrético de sua poesia, que ele é definido como Pré-modernista.

A poesia de Augusto dos Anjos

Os livros didáticos de ensino médio, apesar de intitularem Augusto dos Anjos como um poeta único em nossa literatura (LD2, LD4 e LD5), limitam cerca de meia ou duas páginas para tratarem do poeta, mostrando-o exclusivamente pelos vieses pessimista, melancólico, e cientificista. Essa atitude tem como consequência uma visão unilateral quanto à complexidade da poesia augustiana, que vai além dessas vertentes. É certo que Augusto dos Anjos recebeu seu prestígio na literatura brasileira por esses poemas, porém eles não abrangem a complexidade da sua lírica. Dos onze livros consultados, apenas dois (LD10 e LD11) não apresentaram nenhuma página para o estudo do poeta e sua poesia.

Em todos os livros que contêm tópicos sobre o poeta, o texto subsequente à sua apresentação é preenchido quase sempre pela sua biografia, por características referentes ao estilo de sua poesia, ou com a relação historiográfica com algumas escolas literárias. No entanto, a maioria dos livros o apresenta concomitantemente por esses vários caminhos.

Dos livros analisados:

- As características de sua poesia fazem parte da sua apresentação em oito livros (LD1, LD2, LD3, LD5, LD6, LD7, LD8 e LD9);
- A biografia é exposta em seis livros (LD1, LD2, LD3, LD7, LD8 e LD9);
- Dados histórico-literários são mencionados em cinco livros (LD2, LD3, LD4, LD6 e LD8);

Nota-se, então, que não se segue uma linha prioritária de apresentação do poeta e de sua poesia, ficando, assim, a critério de cada autor do livro didático, porém observamos que a minoria prefere apresentá-lo, correlacionando a sua poesia ao contexto histórico da época, fato que se justifica pela dificuldade em definir uma escola afiliada por Augusto dos Anjos. O contexto histórico faz-se presente nestes livros para tentar mostrar as possíveis influências da época sofridas pelo poeta para a criação de sua obra.

Vemos que a biografia é um dado comum na apresentação do poeta nos livros didáticos com o intuito de revelar ao aprendiz alguns fatos principais de sua vida, para tentar justificar o estilo predominante de sua poesia ou para, em alguns casos, correlacionarem com seus poemas, remetendo-lhes um motivo impulsionador em sua arte¹⁵. De fato, a biografia serve para orientar o leitor acerca do contexto em que se gerou o poeta, meramente como uma curiosidade ou uma informação extra, algo secundário.

Por fim, o estilo, marcado pelas características de sua poesia, também é recorrente como forma de apresentação, porém ao privilegiar algumas de suas faces, seja pessimista, cientificista, melancólica, ou outra, o livro pode limitar a imagem do poeta e restringir a sua poesia a alguns elementos que se sobressaem se não se preocupar em explorar o máximo possível desses vieses. Sendo assim, o uso da biografia, do contexto histórico e a menção ao estilo estético servem como ponte que relacionam o poeta à sua obra, o que seria mais pertinente se fossem tratados como ponte de apoio *a posteriori* e não *a priori* como chave de entrada para os textos literários.

Um dado intrigante e conflituoso sobre a biografia do poeta foi encontrado em alguns livros didáticos. Alguns manuais (LD1, LD2, LD3, LD7, LD8 e LD9), ao discorrerem sobre a trajetória da vida de Augusto dos Anjos, destacam a sua formação acadêmica, referindo-se à faculdade de Direito cursada no Recife – PE, porém o LD8, de Faraco e Moura, ressalta que o poeta não advogou, enquanto o LD2, de Cereja e Magalhães, afirma que ele exerceu a profissão de advogado e foi promotor. Por conhecermos a biografia do poeta, ficamos intrigados com essa informação distorcida acerca da sua vida. Bosi, então, contradiz essa informação do LD2, e nos diz que o poeta “fez Direito em Recife e casou-se aos vinte e três anos, apenas formado. Não advogou, porém vivia a lecionar literatura” (BOSI, 1969, p. 44).

Outro ponto limitador da poesia augustiana é o caso dos subtítulos, que direcionam a visão dos estudantes, ao passo que proporcionam um estudo reduzido sobre ela. Tendo como base os livros analisados, encontramos quatro subtítulos, cada qual em um livro: “Augusto dos Anjos e sua poesia expressionista” (LD1); “Augusto dos Anjos: o átomo e o cosmo” (LD2); “Augusto dos Anjos: poeta pessimista e enigmático” (LD6) e “Augusto dos Anjos: vida e produção” (LD9). Notamos que os três primeiros livros intensificam características consideradas marcantes na poesia de Augusto dos Anjos, respectivamente o expressionismo, o cientificismo e o pessimismo. Tais características reforçam a imagem marcadamente propagada de livro para livro e são exemplificadas pela escolha e repetição de determinados poemas usados para ilustrar essas características. O último livro reflete a preocupação em utilizar o espaço dedicado ao poeta para exibir sua biografia, descrição considerada importante para os livros didáticos, e um pouco de sua produção.

Ao estudar características particulares do poeta, deixa-se de ter um conhecimento mais amplo e aprofundado em outros temas de sua poesia. É evidente que os livros que não apresentam subtítulos também estão sujeitos a esse mesmo problema, porém vale ressaltar que o posicionamento explícito que estes rótulos tomam, acabam por limitar e prestigiar elementos em detrimento de outros e influenciar a visão que o aluno terá do poeta e de sua poesia, se este não procurar ampliar seus conhecimentos.

A repetida veiculação dos mesmos poemas em vários livros didáticos é uma questão também limitadora da imagem do poeta e de sua obra. Esses poemas passam a ser os mais conhecidos e divulgados como uma marca de estilo, em que uma pequena quantidade de poemas pode refletir a amplitude de uma obra. De acordo com Proença Filho (1978, p. 12), um poema ou outro pode revelar um pouco das marcas de um poeta, do seu estilo e da sua linguagem, mas

É evidente que, para a compreensão plena da dimensão literária da obra de um poeta não podemos deixar-nos conduzir apenas pelas conclusões de um único poema, ou dois, ou três: é necessário que examinemos a totalidade de sua produção em verso.

Isso se torna um problema ainda maior quando o livro expõe apenas um poema¹⁶, no qual observamos em três livros: LD4, LD5 e LD7, que apresentam respectivamente apenas “Versos Íntimos” nos dois primeiros e “Psicologia de um

vencido” no último. Esses livros reduzem a visão da obra ao exemplo de um poema. Quatro livros apresentam dois poemas cada um: LD3, LD6, LD8 e LD9; dois livros apresentam três poemas: LD1 e LD2. O problema faz-se maior quando o livro didático não apresenta nenhum poema sobre o poeta, como é o caso dos LD10 e LD11¹⁷. É evidente que esses dois livros, apesar de não apresentarem a poesia augustiana, podem ter no seu *corpus* uma seleção de bons textos para o trabalho com a poesia e eficiente para a formação de leitores, porém como nosso trabalho é voltado para a formação de leitores da poesia de Augusto dos Anjos, o fato de não haver nenhuma menção ao poeta ou nenhum poema dele constitui um problema.

Enfim, podemos esquematizar o número de poemas augustianos encontrados nos livros didáticos de acordo com o quadro abaixo:

Número de poemas por LD	Livros consultados
Nenhum poema	LD10, LD11
1 poema	LD4, LD5, LD7
2 poemas	LD3, LD6, LD8, LD9
3 poemas	LD1, LD2

Vemos, portanto, que a maioria dos livros apresenta apenas dois poemas para ilustrar o estilo do poeta, e esses poemas são quase sempre os canônicos. Entre os livros consultados, seis deles apresentam o poema “Versos íntimos” (LD1, LD2, LD3, LD4, LD5 e LD6), que é o primeiro mais recorrente nos manuais; seguido por “Psicologia de um vencido”, encontrado em quatro livros (LD1, LD2, LD7 e LD8); dois livros (LD6 e LD9) apresentam o poema “O deus-verme”; os poemas “O morcego”, “Budismo moderno”, “Vandalismo”, “As cismas do destino” e “A idéia” são todos eles apresentados em um livro, respectivamente os LD1, LD2, LD3, LD8 e LD9. O quadro abaixo pode ilustrar os dados com mais clareza:

Poemas recorrentes nos LD	Livros consultados
Versos íntimos	LD1, LD2, LD3, LD4, LD5, LD6
Psicologia de um vencido	LD1, LD2, LD7, LD8
O deus-verme	LD6, LD9
O morcego	LD1
Budismo moderno	LD2
Vandalismo	LD3
As cismas do destino	LD8
A idéia	LD9

Esses poemas foram expostos nos livros de forma integral, porém encontramos fragmentos de três poemas em um livro didático. O LD4, que só apresenta um poema completo, “Versos íntimos”, apresenta fragmentos de três poemas: uma estrofe de “Budismo moderno”, uma estrofe de “Idealização da humanidade futura” e uma estrofe de “O deus-verme”. Consideramos que essa prática em nada favorece a formação de leitores da poesia augustiana já que não apresenta os textos completos para a fruição dos alunos. Todos esses poemas

foram retirados do livro *Eu*, de Augusto dos Anjos, sua única obra editada em vida, não curiosamente por serem canônicos.

Dos livros estudados o *Eu* é a única obra citada em quatro manuais didáticos (LD1, LD2, LD3, LD4) enquanto os outros quatro não mencionam nenhuma obra (LD5, LD6, LD10 e LD11). Somente três livros (LD7, LD8 e LD9) mencionam, além do *Eu*, algumas obras posteriores à morte do poeta: esses três livros citam *Eu e Outras poesias*, o LD8 faz referência à obra em prosa publicada em jornais¹⁸, apesar de não citar exemplos, e o LD9 menciona outros poemas, supostamente os *Poemas esquecidos* e *Versos de circunstância*, além de incluir em sua obra completa correspondências e documentos do poeta, sendo estas sem caráter literário.

A referência a uma única obra delimita a abordagem da poesia augustiana pelos estudantes apenas ao conhecimento dos poemas do *Eu*, predominantemente científicas, alguns com tom pessimista e melancólico. Quando nenhuma obra é citada, dificulta mais ainda o processo de formação do leitor, pois a ausência de uma referência não lhe oferece o estímulo à leitura, à apreciação dos poemas e à procura dos mesmos. Dessa forma, os estudantes não têm nenhuma orientação à obra que devem procurar para leitura.

Nos livros didáticos encontramos diversas características da poesia de Augusto dos Anjos, sendo algumas mais recorrentes do que outras. As características apontadas são referentes principalmente à linguagem e aos temas, tais como: linguagem elaborada, agressiva, “antipoética”, “antílrica”, prosaica, científica, pessimista, melancólica e de “mau gosto”; poesia que versa sobre temas inquietantes tais como: a podridão, a morte, a decomposição de forma grotesca. É realçada ainda a solidão e a angústia do poeta; animalidade, aspecto vil e sórdido de sua poesia; conflitos pessoais apresentados, entre outros. Sobre seu ofício poético destaca-se a poesia formalmente trabalhada, seu rompimento com os limites estéticos do belo e do feio, divagações metafísicas, além de seu caráter original e único. Podemos esquematizar as características mais citadas da poesia de Augusto dos Anjos, nos livros didáticos, da seguinte maneira:

Características da poesia de A. A.	Livros didáticos
Pessimista	LD2, LD4, LD6, LD7, LD8, LD9
Cientificista	LD2, LD3, LD4, LD6, LD7, LD9
temas inquietantes	LD2, LD3, LD5, LD7, LD9
poemas formalmente trabalhados	LD4, LD5, LD6, LD9
linguagem extravagante	LD1, LD2, LD3, LD7
imagens fortes	LD3, LD5, LD6, LD8
Melancólica	LD2, LD3, LD4

Notamos a grande repercussão das mesmas características mais difundidas da poesia de Augusto dos Anjos, como: pessimista, melancólico, angustiado, entre outros, e a ausência de qualquer menção ao caráter otimista da sua poesia.

Investigando a poesia completa de Augusto dos Anjos, percebemos que há inúmeros poemas repletos de otimismo, como já analisamos no primeiro capítulo, e que contemplam temas pouco estudados, até considerados ausentes na sua poesia, tais como Deus, amor e esperança, mas esses são completamente esquecidos pelos livros didáticos.

Sobre a ausência da face otimista na poesia de Augusto dos Anjos, no LD2 encontramos uma citação que resume este pressuposto, ao afirmar que “para o poeta, não há Deus nem esperança” (CEREJA e MAGALHÃES, 2005, p. 24), induzindo o pensamento de que o poeta não acredita em Deus nem na esperança, por isso não reservou espaço na sua obra para versar sobre eles. Nessa alusão dos autores do livro em questão encontramos dois equívocos: primeiramente reforça a ideia de o eu - lírico dos poemas e o poeta serem a mesma pessoa e conservarem as mesmas características, confundindo o autor do *Eu* com o “eu” do autor, querendo relacionar o trabalho poético à sua biografia, e assim afirma um dado inexistente. Mesmo que houvesse a inexistência desses temas, isso não se justificaria por uma repulsa pessoal do poeta, não seria necessariamente porque o poeta não acreditasse em Deus, no amor ou fosse tão pessimista a ponto de não versar sobre a esperança. O outro equívoco é dizer que para o poeta não há Deus nem esperança, pois sabemos que na obra completa do poeta há espaço para esses dois temas.

Neste caso, o autor do livro didático mostra-se equivocado e pouco preocupado em investigar a obra completa de Augusto dos Anjos, apesar de que até podemos compreender esse equívoco, já que há poucas pesquisas no meio acadêmico, bem como poucos estudos da crítica acerca do viés otimista, e até então o que se propagou nas Academias e conseqüentemente no meio escolar, foi a imagem de um poeta e de uma poesia destituída de otimismo e predominantemente pessimista. Vale salientar, que esta informação estando contida em um livro didático consultado por milhões de alunos e por professores, acaba formando um conceito deturpado.

Tendo como preocupação incentivar a formação de leitores admiradores e críticos da poesia de Augusto dos Anjos, achamos de suma importância o diálogo entre a literatura e outras artes como a dança, a música, entre outros; e gêneros textuais ou literários, como o narrativo; bem como o máximo de informações pertinentes que possam aguçar no leitor o desejo de ler e apreciar a obra do poeta. Só encontramos três livros que contêm informações extras para o estudante. O LD2 comenta de forma sintética o romance *A última quimera*, de Ana Miranda, baseado na vida de Augusto dos Anjos, e o CD *Augusto dos Anjos por Othon Bastos*, da coleção “Poesia Falada”, nº 9, contendo 36 poemas declamados pelo ator e também admirador da poesia do poeta. O mesmo livro ainda promove o diálogo com outras artes como a música: menciona a musicalização de “Budismo moderno”, por Arnaldo Antunes, e a canção “Bandalhismo”, de Aldir Blanc, baseada no poema “Vandalismo”, além de ainda citar cantores da MPB cujas canções exploram o grotesco, a exemplo de João Bosco e do grupo Titãs. O livro também explora a relação da poesia augustiana com a dança, comentando o espetáculo “Senhor dos Anjos”, por Sandro Borelli, baseado nos poemas do paraibano.

O LD7 indica dois sites da internet, nos quais os estudantes podem encontrar informações importantes sobre Augusto dos Anjos. São eles: <www.vidaslusofonas.pt/augusto_dos_anjos.htm> e <www.secrel.com.br/jpoesia>. No primeiro site, “Vidas Lusófonas”, a parte dedicada a Augusto dos Anjos contém um pouco sobre sua biografia demarcada em uma espécie de linha do tempo. Há um texto intitulado “Velhas lembranças”, escrito por Paulo Vieira, um trecho do ensaio “Elogio de Augusto dos Anjos”, de Órris Soares, e o trecho de uma carta do poeta à sua mãe. O site ainda apresenta quatro poemas: “Monólogo de uma sombra”, “Debaixo do tamarindo”, “A árvore da serra” e “Versos íntimos”. Não conseguimos acessar o segundo site através do endereço exposto no livro didático, porém julgamos se referir ao site “Jornal de poesia”, (<<http://www.jornaldepoesia.jor.br/augusto.html>>). Este site contém oito textos, entre ensaios e críticas, sobre Augusto dos Anjos, uma antologia com 149 poemas, e o poema “Versos íntimos” traduzido para a língua inglesa.

Já o LD9 indica as “Edições de Ouro” como exemplo de livros acessíveis financeiramente aos estudantes, pois, segundo o autor do manual didático, essas edições são boas, baratas e reúnem muita coisa importante sobre o poeta. Essas estratégias servem para enriquecer as aulas de literatura e proporcionar um contato mais efetivo e amplo com a poesia augustiana, estabelecendo o diálogo com outras artes para complementar o estudo das obras.

Exercícios propostos nos livros didáticos

A última etapa analisada nos livros didáticos foi a dos exercícios. Constatamos que os exercícios observados contemplam duas linhas: os estudos gramaticais e os estudos literários.

Apesar de se tratarem de módulos de literatura em livros de língua portuguesa, os estudos gramaticais ainda são privilegiados por meio dos poemas. Através desses textos são pedidos exercícios que analisem a seleção lexical, a semântica dos vocábulos e a função sintática da oração presente nos versos. O que podemos notar é que, em alguns casos, a análise gramatical não pretende levar ao caminho de interpretação dos poemas, mas se revela apenas como um reforço de conteúdos de gramática. Alguns exemplos disso foram encontrados no LD1. Sobre o poema “O morcego”, pede-se:

1) Em que pessoa está escrito o soneto “O morcego”?

Vemos que a resposta que o autor quer obter do aluno não contribui para a interpretação ou compreensão do poema, visto que a partir da resposta nada mais é explorado.

Sobre a priorização dos estudos linguísticos, “para o aluno fica a impressão de que se lê textos para fazer exercícios gramaticais, que não mantêm nenhuma ligação com a emoção estética que sentem ao ouvir ou ler um poema, ou ao copiá-

lo no seu diário” (GEBARA, 2002, 151). Deve-se levar em conta que o objetivo da literatura é formar leitores, portanto o seu ensino requer metodologias diferentes das utilizadas nas aulas de língua. Foi-se o tempo de ler literatura para aprender um vocabulário mais requintado.



Os estudos literários contemplam a temática do poema, os aspectos formais (como escansão, versos, estrofes e rimas), a relação com as escolas literárias, a retórica (o modo como são trabalhadas as figuras de linguagem), interpretação centrada e fechada no que o poeta diz e ao que o autor do livro quer. É lamentável que a leitura e fruição do texto deem lugar prioritariamente aos exercícios de análise e interpretação. Poucos livros contemplam o comentário do leitor sobre o poema, o estímulo à leitura por prazer e o debate. Por isso, as OCEM (2006) propõem desfazer o uso dos textos literários apenas como suportes das análises sintáticas e morfológicas, bem como objeto de culto e retórica. Um exemplo de exercícios que contemplam os estudos literários encontra-se no LD3, sobre o poema “Versos Íntimos”. Vejamos:

1) Do ponto de vista formal, o texto se caracteriza como um soneto clássico. Justifique esta afirmação, considerando o esquema métrico e o esquema rítmico nele presentes.

Mais uma vez, a resposta pretendida pelo autor do livro didático em nada favorece o entendimento ou a reflexão sobre o texto. Podemos sintetizar que a análise, seja gramatical ou literária em questões desse tipo, quase sempre não leva à interpretação, que por sua vez não leva à compreensão dos poemas. É de praxe que os exercícios estejam relacionados a um poema ou fragmento dele. A partir do poema ou do fragmento são propostas análise gramatical ou formal isoladas, interpretações que não levam à compreensão do poema, já que não se pedem comentários do aluno e não se fazem pontes com a sua realidade, permitindo-lhe reconstruir saberes, repensar valores, refletir criticamente. Esse tipo de exercício é pouco explorado nos livros didáticos, porém ainda encontramos em alguns poucos livros do nosso *corpus*, a exemplo do LD9. A questão é:

7) A poesia de Augusto dos Anjos é um sucesso de público.

a) Releia em voz alta os poemas e responda: os versos são agradáveis ao ouvido? Comente.

b) A linguagem científica produz algum efeito sobre o leitor? Comente.

c) Esse tipo de poesia lhe agrada? Por quê?

O exercício acima se refere aos poemas “A ideia” e “O deus verme”. Essa questão é bem atípica nos livros didáticos. Ela tem como centro a leitura de poemas e a valorização dos comentários do leitor, sem fazer julgamento prévio do texto. Esse tipo de exercício contribui favoravelmente à formação do leitor e ao seu

desenvolvimento crítico, pois incentiva a leitura em voz alta, dando oportunidade de o leitor perceber o ritmo do poema, as pausas, a acentuação e comentá-los, como nos itens “a” e “b”; e dá-lhe o ensejo de comentar a sua recepção dos poemas, como no item “c”.

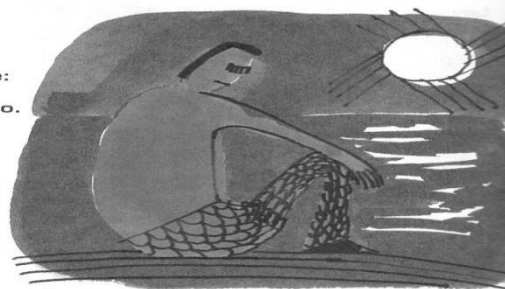
Quanto ao modelo de exercícios nos livros didáticos, quando não são elaborados pelo autor do manual, são retirados de provas antigas de vestibular, contendo questões fechadas e objetivas. Essa prática tem ganhado prestígio, vista a preocupação das escolas brasileiras em preparar o alunado para o ingresso na universidade, o qual é feito pelo processo seletivo do vestibular, atualmente substituído pelo ENEM. Essas questões, de acordo com Cereja (2005), são de caráter genérico, as quais exigem do candidato a capacidade de memorizar, reter informações de maneira geral sobre autores e obras, relacionando-os a alguma estética literária. O outro modelo constitui-se de exercícios elaborados pelo autor do livro didático, mas “mesmo quando questões abertas são sugeridas pelo autor do manual, ao elaborá-las ele deixa transparecer sua interpretação” (GEBARA, 2002, p. 150).

De todos os livros analisados, oito (LD1, LD2, LD3, LD4, LD6, LD7, LD8 e LD9) apresentam exercícios e três não apresentam (LD5, LD10 e LD11). Os estudos gramaticais foram explorados em exercícios de dois livros: LD1 e LD3, enquanto os estudos literários foram privilegiados em oito livros. Somente quatro livros (LD2, LD3, LD8 e LD9) incluem atividades diferentes: O LD2 estimula o debate e a leitura de poemas por prazer, o LD3 estimula o debate, o LD8 propõe uma atividade dialógica e LD9 propõe questionamentos pessoais ao leitor sobre os textos. Os exercícios retirados de provas de vestibular são contemplados em três livros: LD1, LD4 e LD8.

Uma questão em especial, retirada de uma prova de vestibular merece ser destacada

7. [Mack-SP] A estrofe que **não** apresenta elementos típicos da produção poética de Augusto dos Anjos é:

- a. Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.
- b. Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja a mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!
- c. Meia-noite. Ao meu quarto me recolho.
Meu Deus! E este morcego! E, agora, vede:
Na bruta ardência orgânica da sede,
Morde-me a goela ígneo e escaldante molho.
- d. Beijarei a verdade santa e nua,
Verei cristalizar-se o sonho amigo...
Ó minha virgem dos errantes sonhos,
Filha do céu, eu vou amar contigo!
- e. Agregado infeliz de sangue e cal,
Fruto rubro de carne agonizante,
Filho da grande força fecundante
De minha brônzea trama neuronal.



Essa questão retirada do LD8, de Faraco e Moura (2005), chamou-nos a atenção por pedir para apontarmos a assertiva que não contém elementos típicos da poesia de Augusto dos Anjos. Sabemos que os elementos típicos são a melancolia, o cientificismo e o pessimismo. Ao lermos a pergunta, pensávamos, como pesquisadora, encontrar uma alternativa que condissesse com o viés

otimista estudado por nós, que não é típico da poesia augustiana, porém vimos que a assertiva que deve ser assinalada não se trata da poesia de Augusto dos Anjos, mas de outro poeta. Observando o manual do professor deste mesmo livro, no qual são apresentadas orientações pedagógicas, respostas das atividades, entre outros requisitos, encontramos na página 58 a seguinte resposta: “A alternativa **d** é a única que não apresenta elementos típicos da produção poética de Augusto dos Anjos. Trata-se de uma estrofe do poema ‘Lembranças de Morrer’, da obra *Lira dos vinte anos*, de Álvares de Azevedo: mostra uma visão de sonho e devaneio em que a realização amorosa é impossível. A poesia de Augusto dos Anjos apresenta decomposição, deterioração, relacionados ao amor, à agonia e à morte” (FARACO E MOURA, 2005, p. 58).

O elaborador da questão acredita que o tema do amor, especialmente de forma otimista não foi cultuado por Augusto dos Anjos, por isso apresentou uma alternativa com o presente tema abordado por outro poeta. Não sendo este tipo de amor um elemento típico da produção poética de Augusto, só nos bastaria uma estrofe de um poema com esse viés para nos contentarmos. Com relação à resposta sugerida pelo autor do livro, não a aceitamos como justificativa para inserir uma estrofe de Álvares de Azevedo porque consideramos na poesia desse poeta algumas semelhanças com a poesia de Augusto de Anjos, como a melancolia, por exemplo.

Em nenhum dos livros didáticos, a face otimista da poesia de Augusto dos Anjos foi mencionada, pelo contrário, a sua ausência continua disseminada nos manuais. Apenas os vieses melancólico, pessimista, cientificista e expressionista são difundidos, privando os alunos de conhecerem poemas tão bem trabalhados quanto aqueles que são considerados canônicos. Apesar de alguns livros didáticos efetuarem um bom trabalho com a poesia de Augusto dos Anjos, a exemplo do LD2, de Cereja e Magalhães, que explora sutilmente o dialogismo, acreditamos que o modelo atual dos manuais didáticos merece ser revisto, e as outras faces da poesia augustiana reconsideradas, para assim contribuir para uma formação mais crítica do aluno, bem como à formação de leitores admiradores da sua poesia.

Considerações finais

Dos resultados da nossa pesquisa, consideramos alguns pontos favoráveis para a construção do saber e outros restritos para esse processo, encontrados nos livros didáticos do nosso *corpus*. As análises nos permitiram perceber que não havia menção à face otimista da poesia de Augusto dos Anjos. Pelo contrário, havia a negação dessa face, com afirmações de que o poeta não acreditava em Deus, no amor e na esperança e que por isso não havia versado sobre esses temas. Isso, para nós, constituiu um ponto restritivo, pois o paradigma interpretativo considerado pelos manuais didáticos, o qual prestigia o cientificismo, o pessimismo e a melancolia, e exclui outras fontes, não dá conta da complexidade da poesia augustiana.

Outro problema apresentado pelos livros didáticos diz respeito à repetição dos mesmos poemas canônicos do poeta, pertencentes ao *Eu*, sem haver diversidade temática. A falta de algumas indicações sobre a obra lírica completa de Augusto dos Anjos também constitui um problema que só pode ser contornado com o auxílio do professor. Nos manuais didáticos o *Eu* é a obra mais citada, por ser considerada a mais importante, além de ter sido a única obra publicada pelo poeta ainda vivo. As obras publicadas após sua morte pouco foram citadas, enquanto alguns livros não citaram nenhuma referência de leitura.

A recorrência às mesmas características da poesia augustiana e a repetição dos mesmos poemas preconizados nos manuais didáticos são também pontos que restringem a imagem do poeta, o conceito de sua lírica e a visão do leitor, se aceitas sem reflexão e sem uma leitura atenta que contemple as diversas faces do poeta. Os exercícios propostos nos livros não contribuem efetivamente para a formação crítica do leitor, pois visam muito mais à mera interpretação e à revisão gramatical.

Um ponto construtivo encontrado nos livros didáticos é o trabalho com o *dialogismo* na literatura presente em alguns manuais. O dialogismo, conceito empregado por Bakhtin, porém adaptado por Cereja, é utilizado aqui para referir-se ao diálogo entre textos literários ou entre textos e outros tipos de linguagem, e também pode representar um modelo de aula centrado no diálogo entre professor e alunos. Entre os livros consultados, apenas alguns se preocuparam em fugir do modelo em que se encontram, e uma das formas de inovar foi explorar o dialógico, apresentando uma ponte que liga a poesia de Augusto dos Anjos a outras fontes baseadas em sua obra.

Enfim, acreditamos que o modelo dos manuais didáticos poderia ser revisto, e as outras faces da poesia de Augusto dos Anjos reconsideradas para assim contribuir para uma concepção mais crítica do aluno, bem como à formação de leitores admiradores da sua poesia. Todavia, enquanto isso não acontece, as limitações desse instrumento pautadas na repetição dos mesmos poemas, dos mesmos traços de linguagem e de percepção que figuram na obra do poeta podem ser revertidas com a atuação do professor, que é o principal responsável pela apresentação da poesia augustiana em sala de aula. O professor deve sempre ser o mediador entre a crítica e o ensino. Ele deve instigar no discente o prazer da leitura literária, fazer com que o aluno vivencie a experiência estética, fomentar o espírito da arte literária e despertar para a crítica são tarefas árduas e precisam ser reavaliadas constantemente a fim de atender às necessidades estéticas dos alunos.

Notas

¹ Perrone-Moisés (1998) ressalta que estabelecer uma lista de autores consagrados é um hábito muito antigo, praticado desde a Antiguidade greco-latina.

² Costuma-se pensar que alguns professores não têm o hábito de ler constantemente visto a disponibilidade de tempo ser, muitas vezes, insuficiente devido à carga horária excessiva de trabalho em várias escolas, ou até mesmo pelo alto preço dos livros em contraposição aos baixos salários. Porém, de acordo com Silva (2008, p. 42), referindo-se à formação de professores leitores “não há como desempenhar, satisfatoriamente, a função de mediador da literatura, se não houver o gosto e o hábito da leitura”.

³ Não confundir escolhas anárquicas com o cânone pessoal, pois não está se julgando o gosto de leitura de cada indivíduo, mas a maneira pela qual escolhe seus textos. Muitas vezes, dentro ou fora da escola, alguns leitores deixam-se convencer por modismos e pela mídia, sem ao menos terem um critério de avaliação para tais leituras, como por exemplo, o trabalho com a linguagem. Sobre a formação do gosto literário do aluno, Colomer (2007) salienta que “os alunos têm direito de saber que existem *corpus* distintos, com variadas ofertas para diferentes momentos e funções de muitos tipos. Seu avanço na ‘aquisição do gosto’ fará com que haja *corpus* que fiquem esquecidos e desprezados. [...] Outros *corpus* se manterão, compatibilizando-se entre eles, tal como se alternam constantemente os gêneros e a dificuldade das leituras na vida cotidiana de qualquer bom leitor” (COLOMER, 2007, p 68).

⁴ Jouve (2002, p. 27 – 28) comenta que “o horizonte de expectativa é definido por Jauss por normas essencialmente estéticas: o conhecimento que o público tem a respeito do gênero a que pertence a obra, a experiência literária herdada de leituras anteriores (que familiarizam o público com certas formas e certos temas) e a distinção vigente entre linguagem poética e linguagem prática”.

⁵ Sobre o modelo de leitura na escola, Colomer aponta que “a importância do *corpus* passa por sua flexibilidade e sua adequação a distintas funções, momentos e leitores. Assim, pode-se afirmar que um bom *corpus* não é sinônimo ‘das melhores obras’” (COLOMER, 2007, p 113).

⁶ A reflexão de Martins (2006) propõe que só o leitor pode ser capaz de construir seu próprio cânone. No meio escolar, se o aluno não for um leitor, dificilmente ele terá critérios para isso. Em uma sala de aula, nem todos os alunos são efetivamente leitores.

⁷ O Colégio Pedro II foi criado com a pretensão de organizar o ensino geral do Brasil pós-independência e ser modelo para as escolas públicas e privadas do país (CEREJA, 2005). Segundo Cereja (2005, p. 91), “a verdade é que o Colégio Pedro II punha em prática o projeto de D. Pedro II de oferecer à elite dirigente um programa escolar erudito, embora esse programa fosse pouco condizente com a realidade brasileira”. No livro *Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho de literatura*, Cereja comenta as pesquisas realizadas por Roberto Acízelo de Souza e Marcia de Paula Gregorio Razzini, sobre as práticas de ensino no referido colégio no século XIX e em parte do século XX, que mostram que a seleção e organização dos conteúdos são baseadas na história literária.

⁸ PNLD (Programa Nacional do Livro Didático); PNLEM (Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio); PNLA (Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos).

⁹ As atividades de *metaleitura*, segundo as OCEM (BRASIL, 2006, p. 70), são exercícios de estudo de texto, aspectos da história literária, características de estilo de época, entre outros, deixando como prática secundária, a leitura dos textos.

¹⁰ Para Bueno (1994, p. 14 - 15) o *Eu e Outras poesias* pode ser chamada obra canônica, mas os *Poemas esquecidos*, *Versos de circunstância*, *Prosa dispersa* e a *correspondência*, são constituídos “obra coligida”, ou seja, reunida em antologia.

¹¹ Usaremos esta mesma sequência de códigos abaixo, quando necessário, para nos referirmos aos livros didáticos durante a descrição dos dados.

¹² Escolhemos os livros do 3º ano do Ensino Médio porque geralmente pela abordagem histórico-literária Augusto dos Anjos é estudado nessa fase do ensino.

¹³ É importante ressaltar que o Pré-modernismo não foi uma escola literária, mas um momento de transição que reuniu os literatos que não faziam parte dos movimentos anteriores, Parnasianismo ou Simbolismo, e nem faziam parte do movimento posterior, Modernismo. O termo Pré-modernismo foi criado por Tristão de Ataíde para designar o período cultural que vai do princípio do século XX até a Semana de Arte Moderna (BOSI, 1969).

¹⁴ Bosi (1969, p. 11) ao nos dar subsídios para compreendermos o sentido do vocábulo Pré-modernismo, aponta dois fatores determinantes, mas nem sempre coincidentes: “1º) dando ao prefixo “pré” uma conotação meramente temporal de anterioridade; 2º) dando ao mesmo elemento um sentido forte de precedência temática e formal em relação à literatura modernista”. Desta forma, Augusto dos Anjos pode ser inserido dentro do Pré-modernismo pelos dois critérios, tanto cronológico, quanto pelo estilo inovador em relação à irreverência da linguagem e na temática explorada nos poemas.

¹⁵ Por muito tempo o biografismo foi umas das principais chaves de interpretação da poesia augustiana. Apesar de Magalhães Jr (1978, p. 181), biógrafo do poeta, salientar que “geralmente, as poesias de Augusto dos Anjos estão cheias de anotações de caráter pessoal que constituem uma espécie de autobiografia psicológica”, isso não se aplica a toda sua obra. Vemos, portanto, como autobiográficos apenas alguns poemas, mas não todos nem a maioria.

¹⁶ Observamos primeiramente o número de poemas exposto em cada livro, acreditando que a quantidade poderia influenciar na diversificação temática ou revelar as diversas faces da poesia augustiana, inclusive a otimista, tais como aquelas que foram estudadas no 1º capítulo dessa dissertação. Porém conferimos que o fator quantitativo não interfere na diversidade temática dos poemas.

¹⁷ Esses livros didáticos não exibem nenhum poema de Augusto dos Anjos porque o poeta não é apresentado no livro. Procuramos encontrar algum poema em ambos os livros mesmo que fosse para ilustrar algum estudo sobre poesia, figuras de linguagem ou até mesmo produção de texto ou gramática, mas não obtivemos êxito. Folheamos todo o LD10 e lemos especialmente os dois capítulos que tratam sobre a arte poética, além dos capítulos que tratam cada qual da história literária no século XIX e início do século XX. Com o LD11 não foi diferente. Apesar de os conteúdos do livro não seguirem a ordem de divisão comum aos livros didáticos, com módulos de língua portuguesa, produção de texto e literatura e a parte de literatura não ser dividida pela história literária, pois neste livro a ênfase maior nos estudos de literatura é a parte dos gêneros literários, também não encontramos nada sobre o poeta.

¹⁸ A prosa escrita por Augusto dos Anjos é constituída de algumas cartas abertas e, em sua grande maioria, de crônicas.

Referências

Geral

BOSI, Alfredo. **A literatura brasileira: o pré-modernismo**. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1969, v 5.
_____. **História concisa da literatura brasileira**. 45 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

- BRASIL, Linguagens, códigos e suas tecnologias: conhecimentos literários. In: **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Brasília, MEC/ Secretaria de Educação Básica, 2006.
- BUENO, Alexei. Critérios da edição. In: ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**: volume único; organização, fixação do texto e notas de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 13 – 20.
- CEREJA, William Roberto. **Ensino de literatura**: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura. São Paulo: Atual, 2005.
- CHIAPPINI, Lígia. **Reinvenção da catedral**: língua, literatura, comunicação: novas tecnologias e políticas de ensino. São Paulo: Cortez, 2005.
- COELHO, Nely Novaes. **Literatura e linguagem**: a obra literária e a expressão lingüística. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.
- COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- CUNHA, Fausto. Augusto dos Anjos salvo pelo povo. In: ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**: volume único; organização, fixação do texto e notas de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 165 - 170.
- GEBARA, Ana Elvira Luciano. O poema, um texto marginalizado. In: CHIAPPINI, Lígia. **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2002. vol 2. p. 143 – 166.
- GULLAR, Ferreira. Toda a poesia de Augusto dos Anjos. In: MELO FILHO, Murilo; PONTES, Juca. (orgs). **Augusto dos Anjos**: a saga de um poeta. Rio de Janeiro: Ed. Graf. Brasileira: Fundação Banco do Brasil; João Pessoa: Governo do Estado, 1994. p. 85 – 89.
- HOUAISS, Antônio. Sobre Augusto dos Anjos. In: MELO FILHO, Murilo; PONTES, Juca. (orgs). **Augusto dos Anjos**: a saga de um poeta. Rio de Janeiro: Ed. Graf. Brasileira: Fundação Banco do Brasil; João Pessoa: Governo do Estado, 1994. p. 50 – 54.
- JOUVE, Vicent. **A leitura**. Trad. Brigitte Hervor. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- LINS, Álvaro. Augusto dos Anjos: poeta moderno. In: ANJOS, Augusto dos. *Obra completa*: volume único; organização, fixação do texto e notas de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 116 – 127.
- MAGALHÃES JR., Raimundo. **Poesia e vida de Augusto dos Anjos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978.
- MARTINS, Ivanda. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor? In: MENDONÇA Márcia (orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 83 – 102.
- MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2007.
- MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- MOREIRA, Maria Eunice. Cânone e cânones: um plural singular. In: **Revista Letras**. Junho de 2003, nº 26, (Língua e literatura: limites e fronteiras). Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal Santa Maria. Disponível em < <http://w3.ufsm.br/revistalettras/letras26.html> >, Acessado em 20/01/2012.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas**: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- PINHEIRO, Hélder. Reflexões sobre o livro didático de literatura. In: MENDONÇA Márcia (org). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 103 – 116.
- PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na literatura**: através de textos comentados. 5 ed. São Paulo: Ática, 1978.
- REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luis (org). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 65 – 92.

SILVA, Maria Valdênia. Motivações para leitura literária no ensino médio. In: PINHEIRO, Hélder. et al (orgs). **Literatura e formação de leitores**. Campina Grande: Bagagem, 2008. p. 41 - 54. (Coleção da Crítica à sala de aula).

SOARES, Órris. Elogio de Augusto dos Anjos. In: ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**: volume único; organização, fixação do texto e notas de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 60 -73.

VIANA, Chico. As múltiplas faces do *EU*, de Augusto dos Anjos. In: RIBEIRO NETO, Amador (org). **Literatura na universidade**: ensaios. João Pessoa: Idéia, 2001. p. 33 – 53.

Livros didáticos

ABAURRE, Maria Luiza; PONTARA, Marcela Nogueira; FADEL, Tatiana. **Português**: língua, literatura e produção de texto. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2004.

AMARAL, Emília et al. **Novas palavras**: língua portuguesa: ensino médio. 2 ed. São Paulo: FTD, 2005. (Coleção Novas palavras).

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português**: linguagens. 5 ed. São Paulo: Atual, 2005, v 3.

FARACO, Carlos Alberto. **Português**: língua e cultura. Curitiba: Base, 2003.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. **Português**: projetos. São Paulo: Ática, 2005.

INFANTE, Ulisses. **Textos**: leitura e escrita: literatura, língua e produção de textos. São Paulo: Scipione, 2005.

LOPES, Harry Vieira. et al. **Língua Portuguesa**: projeto escola e cidadania para todos. São Paulo: Brasil, 2004.

MAIA, João Domingues. **Português**. 2 ed. São Paulo: Ática, 2005.

NICOLA, José de. **Português**: ensino médio. São Paulo: Scipione, 2005, v 3.

TAKAZAKI, Heloísa Harue. **Língua portuguesa**: ensino médio. São Paulo: IBEP, 2004. (Coleção Vitória-régia).

TERRA, Ernani; NICOLA, José de. **Português**: de olho no mundo do trabalho. São Paulo: Scipione, 2004. (Coleção De olho no mundo do trabalho).

Para citar este artigo

ALMEIRA, Verucci Domingos de. A poesia de Augusto dos Anjos: do cânone literário ao livro didático. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3., n. 1., Jun. 2014, p. 94-119.

A Autora

Verucci Domingos de Almeida é Licenciada em Letras - Habilitação Língua portuguesa/Língua inglesa, pelas Faculdades Integradas de Patos (2005). Possui especialização em Língua Inglesa, pelas Faculdades Integradas de Patos (2007) e mestrado em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande. É pesquisadora da poesia de Augusto dos Anjos. Desenvolve estudos sobre a recepção do texto literário, principalmente no ensino médio, e a utilização dos livros didáticos no ensino de literatura. Atua também nos seguintes temas:

metodologia e prática de ensino de literatura, e metodologia e prática de ensino da língua inglesa.